

Notas introdutórias e letras das canções cedidas por Hélder Moutinho

Vielas da Vida

João Monge/Fado Corrido, popular

O fado, antes marginal, era cantado nas vielas da Mouraria e Alfama, assim como nas tascas do Bairro Alto. Um dia foi retirado das ruas, as tascas viraram restaurantes típicos, e era ali que se cantava a canção do povo português...

*Já fui um dia corrido
Da rua onde nasci
Só por alguém ter ouvido
Que eu já não era dali
Entaiparam-me as janelas
Sem entrada nem saída
Mas o Fado é das vielas
É das vielas da vida*

*Não sonham que uma guitarra
É mãe de tudo o que anseias
Quando é tocada com garra
Também tem sangue nas veias*

*Eu volto de madrugada
À rua onde nasci
Não há destino nem nada
Que tire o fado daqui*

*Pintei de azul a entrada
Mudei a chave da rua
Não quero mudar mais nada
Só quero a luz da lua*

*Aqui casei o passado
Com o dia de amanhã
Aqui fui nado e criado
Esta rua é minha irmã*

*Enquanto houver um fadista
Que cante a vida da gente
Não há ninguém que resista
Ao fado que a gente sente*

*Eu já morri de saudade
Também já morri de amor
Esta é a minha verdade
Baixem a luz por favor*

Ovelha Negra

João Dias/Acácio Gomes, Fado Acácio

A vida fez-me pensar de forma diferente. Achei que era apenas eu e que por isso eu mesmo era diferente. Depois percebi que não estava só. E que afinal em vez de diferente era especial. Tão especial que hoje, felizmente, sou apenas mais um na multidão...

*Chamaram-me ovelha negra
Por não aceitar a regra
De ser coisa, em vez de ser;
Rasguei o manto do mito
E pedi mais infinito
Na urgência de viver*

*Caminhei vales e rios
Passei fomes, passei frios
Bebi água dos meus olhos
Comi raízes de dor
Doeu-me o corpo d'amor
Em leitões feitos de escolhos*

*Cansei as mãos e os braços
Em negativos abraços
De que a alma foi ausente
Do sangue das minhas veias
Ofereci taças bem cheias
À sede de toda a gente*

*Arranquei com os meus dedos
Migalhas de grãos, segredos
Da terra, escassa de pão
E foi por mim que viveu
A alma que Deus me deu
Num corpo feito razão*

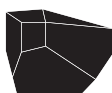
Lua de Todos...

João Monge/João Gil

Inspirado nos Poemas “Verde que te Quero Verde” e “Romance Sonâmbulo” de Federico García Lorca... A liberdade não é apenas um estado, mas sim uma forma de vida que aprendemos a valorizar. Perder essa liberdade é perder a essência da humanidade. E se ela fosse uma pessoa tão importante para nós? E se ela partisse? O que pensam no mundo, os oprimidos?

*Quem vai esperar por mim, um dia
Quando as ribeiras são a foz
E o cavalo renuncia
Verdes horas, verdes-águas
Ó lua de todos nós*

*Quem vai levar este barquinho
A dar à praia derradeira*



Onde a noite faz o ninho
Verde névoa, verde véu
Lança de ponta certa

Quem leva o toiro que caiu
E lava a praça de manhã
As papoilas pelo estio
Verde espada, verde rosa
Verde sangue de romã

Batem as cinco horas da tarde
Lua brava se eu puder
Dou-te o peito à descoberta
Verde sonho, verdes asas
O peito de uma mulher

Atrás dos meus Cortinados

João Monge/João Gil

A luta pela paz e pela liberdade não tem fim, nós sabemos. Na vida nunca nada tem fim... Mas tudo tem um começo! Eu gosto de ser livre para viver um amor clandestino.

Atrás dos meus cortinados
Estamos os dois condenados
Um ao outro a horas mortas
Se é a deus que isto se deve
Ele lá sabe o que escreve
Direito por linhas tortas

Falam de nós, eu bem sei
Deste amor fora da lei
Sem destino, nem altar
Somos a Rosa colhida
No lado escuro da vida
Que só se dá ao luar

Não te sintas obrigado
A prometer que a meu lado
Nunca mais te vais embora
Atrás dos meus cortinados
Estamos os dois obrigados
A ser imortais agora

Alfonsina y el Mar

Ariel Ramírez/Félix Luna

Alfonsina Storni foi uma poetisa argentina. A sua vida e obra tornaram-se mais tarde uma grande fonte de inspiração para os direitos das mulheres. A música "Alfonsina y el mar" retrata a tragédia da sua vida e morte, evidenciando a sua luta contra a depressão antes de se suicidar em 1938, no Mar de la Plata.

Por la blanda arena que lame el mar
Su pequeña huella no vuelve más
Un sendero solo de pena y silencio llegó
Hasta el agua profunda
Y un sendero solo de penas mudas llegó
Hasta la espuma

Sabe Dios qué angustia te acompañó
Qué dolores viejos calló tu voz
Para recostarte arrullada en el canto de las Caracolas marinas
La canción que canta en el fondo oscuro del mar La caracola

Te vas Alfonsina con tu soledad
Qué poemas nuevos fuiste a buscar?
Una voz antigua de viento y de sal
Te requiebra el alma y la está llevando
Y te vas hacia allá como en sueños
Dormida, Alfonsina, vestida de mar

Cinco sirenitas te llevarán
Por caminos de algas y de coral
Y fosforescentes caballos marinos harán
Una ronda a tu lado
Y los habitantes del agua van a jugar
Pronto a tu lado

Bájame la lámpara un poco más
Déjame que duerma, nodriza, en paz
Y si llama él no le digas que estoy
Dile que Alfonsina no vuelve
Y si llama él no le digas nunca que estoy
Di que me he ido

Te vas Alfonsina con tu soledad
Qué poemas nuevos fuiste a buscar?
Una voz antigua de viento y de sal
Te requiebra el alma y la está llevando
Y te vas hacia allá como en sueños
Dormida, Alfonsina, vestida de mar.

Mãe Negra

Alda Lara/Paulo de Carvalho

Alda Lara e Paulo de Carvalho fizeram esta grande canção que celebra a figura materna com todo o seu amor e força... Também a ancestralidade e a cultura do povo angolano e provavelmente da alma africana.

*Pela estrada desce a noite
Mãe negra desce com ela
Pela estrada desce a noite
Mãe negra desce com ela*

*Mãe negra não sabe nada
Mãe negra não sabe nada*

*Nem buganvílias vermelhas
Nem vestidinhos de folhos
Nem brincadeiras de guizos
Nas suas mãos apertadas*

*Só duas lágrimas grossas
Em duas faces cansadas
Só duas lágrimas grossas
Em duas faces cansadas*

*Mãe negra não sabe nada
Mãe negra não sabe nada*

*Mãe negra tem voz de vento
Voz de silêncio batendo
Nas folhas do cajueiro
Aí, nas folhas do cajueiro
Tem voz de noite descendo
De mansinho pela estrada
Tem voz de noite descendo
De mansinho pela estrada*

*Mãe negra não sabe nada
Mãe negra não sabe nada*

Separador

*Que é feito desses meninos
Que gostavas de embalar
Que é feito desses meninos
Que gostavas de embalar*

*Quem ouve as histórias
Que costumava contar?
Quem ouve as histórias
Que costumava contar?*

*Mãe negra não sabe nada
Mãe negra não sabe nada
Mãe negra não sabe nada*

O Que Sobrou da Mouraria

César d'Oliveira/Paulo Fonseca/Rogério Bracinha/João Nobre

A revista à Portuguesa a História das entrelinhas... Mais uma vez uma crítica Social...

*Eu nasci na Mouraria
Num prédio que resistia
Ao progresso que o venceu
Um dia, tanto gingou
Por fim, não se aguentou
E de saudades morreu*

*Pequeno prédio gingão
Onde via a procissão
Espalhar fé, pelo caminho
E toda a gente dizia
Que as ruas da Mouraria
Cheiravam a rosmaninho*

*Naquela casinha morou a Severa no tempo passado
E o alegrete, fidalgo que era vizinho do fado
Mas em cada esquina um resto de outrora, a vida deixou
E na capelinha mora uma senhora que não se mudou*

*Eram ruas estreitinhas
Grinaldas e janelinhas
À beirinha do telhado
E era a tal Rua dos Canos
Era a Rua dos Enganos
Morava ali o pecado*

*Quando abria o vinho novo
Esse champanhe do povo
Que barulho e alegria
Havia ramos de louro
A anunciar o tesouro
P'las tascas da Mouraria*

Poeta Castrado, Não!

José Carlos Ary dos Santos/popular

Um dos maiores poetas do nosso País. Na música, na poesia e na vida. Este poema sempre foi dito e nunca foi cantado. Mas como eu não sei dizer, vou tentar cantar um dos poemas mais emblemáticos da poesia portuguesa.

*Serei tudo o que disserem
por inveja ou negação:
cabeçudo dromedário
fogueira de exibição
teorema corolário
poema de mão em mão
lázudo publicitário
malabarista cabrão.*

*Serei tudo o que disserem:
Poeta castrado, não!*

*Os que entendem como eu
as linhas com que me escrevo
reconhecem o que é meu
em tudo quanto lhes devo:
ternura como já disse
sempre que faço um poema;
saudades que se partisse
me alagaria de pena;
e também uma alegria
uma coragem serena
em renegar a poesia
quando ela nos envenena.*

*Os que entendem como eu
a força que tem um verso
reconhecem o que é seu
quando lhes mostro o reverso:
Da fome já não se fala
é tão vulgar que nos cansa
mas que dizer de uma bala
num esqueleto de criança?
Do frio não reza a história
a morte é branda e letal
mas que dizer da memória
de uma bomba de napalm?*

*E o resto que pode ser
o poema dia a dia?
Um bisturi a crescer
nas coxas de uma judia;
um filho que vai nascer
parido por asfixia?!
Ah não me venham dizer
que é fonética a poesia!*

*Serei tudo o que disserem
por temor ou negação:
Demagogo mau profeta
falso médico ladrão
prostituta proxeneta
espoleta televisão.
Serei tudo o que disserem:
Poeta castrado não!*

Fado Loucura

Júlio de Sousa

Nós somos um país de poetas. E foram alguns dos poetas mais importantes da nossa história que nas suas metáforas de intervenção social e política acabaram por escrever algumas das mais belas canções de amor...

*Sou do fado
Como sei
Vivo um poema cantado
De um fado que eu inventei*

*A falar
Não posso dar-me
Mas ponho a alma a cantar
E as almas sabem escutar-me*

*Chorai, chorai
Poetas do meu país
Troncos da mesma raiz
Da vida que nos juntou*

*E se vocês
Não estivessem a meu lado
Então não havia fado
Nem fadistas como eu sou*

*Esta voz tão dolorida
É culpa de todos vós
Poetas da minha vida*

*É loucura
Ouço dizer
Mas bendita esta loucura
De cantar e de sofrer*

*Chorai, chorai
Poetas do meu país
Troncos da mesma raiz
Da vida que nos juntou*

*E se vocês
Não estivessem a meu lado
Então não havia fado
Nem fadistas como eu sou*

*Então não havia fado
Nem fadistas como eu sou*

Nunca Parto Inteiramente

João Monge/Manuel Paulo

Adeus é uma palavra infinita, não tem tempo, e a sua realidade é efémera. Podemos dizer adeus e parecer que é para sempre, mas depois reencontramo-nos no dia seguinte.

*Nunca parto inteiramente,
não me dou à despedida
As águas vão simplesmente
presas à sua nascente
é do seu modo de vida.*

*Fica sempre qualquer coisa
qualquer coisa por fazer
Às vezes quase lamento
mas são coisas que eu invento
com medo de te perder.*

*Deixei um livro marcado
e um vaso de alecrim
Abri o meu cortinado
fiz a cama de lavado
para te lembrares de mim.*

*Nunca parto inteiramente
Vivo de duas vontades:
uma que vai na corrente,
a outra presa à nascente
fica para ter saudades.*

Amor Sem Lugar

João Monge/Mário Laginha

Esta é uma história de amor entre um homem e uma mulher. Ele sabia que iria ser preso pela PIDE. E resolveram casar na clandestinidade, de forma a colmatar o grande amor que tinham um pelo outro. Ele sobreviveu à prisão e ambos viveram tempo suficiente para ver e viver os Dias da Liberdade...

*Quando eu partir, não vás ver-me à janela
Vamos fingir que eu volto p'ra jantar
A nossa vida é uma longa viela
Sem ter saída nem casa onde vá dar*

*Não levo nada, deixo tudo onde está
Na almofada, deixo um sonho perdido
Ficam o nosso cantinho à espera no sofá
E o meu fato de linho ao pé do teu vestido*

*E quando eu partir, não te vistas de luto
Vamos fingir que é tudo como dantes
Não tenhas medo, a saudade é o fruto
É o segredo da esperança dos amantes*

*Não levo nada deste amor clandestino
Hei de encontrar morada onde este amor morar
Dizem que o fado só encontra o destino
Quando o destino por nós se apaixonar*

A Saudade

João Linhares Barbosa/José Fontes Rocha

E se esta fosse uma carta de amor em tempo de guerra?

*Sabendo que em tua ausência
Prazer algum me conforta,
No momento em que saíste,
A saudade entrou-me à porta.*

*Andou em volta da casa,
Como se ela sua fosse,
Chegou pertinho de mim
Puxou de um banco e sentou-se.*

*Estavas só e tive pena,
Disse-me, então, a saudade
Vamos esperar por ela
Podes chorar à vontade!*

*E não me larga um momento
Toda a noite e todo o dia
Enquanto tu não voltares
Não quero outra companhia.*

Cálice

Chico Buarque/Gilberto Gil

Composta em 1973, esta canção foi censurada pela ditadura brasileira, apenas editada e apresentada cinco anos depois.

*Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue*

*Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta*

*De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta*

*Pai (pai)
Afasta de mim esse cálice (pai)*

Afasta de mim esse cálice (pai)
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoia
Atordoados eu permaneço atento
Na arquibancada pra qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai (pai)
Afasta de mim esse cálice (pai)
Afasta de mim esse cálice (pai)
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Separador/Convenção

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai (pai), abrir a porta
Essa palavra presa na garganta

Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai (pai)
Afasta de mim esse cálice (pai)
Afasta de mim esse cálice (pai)
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno

Quero perder de vez tua cabeça (cálice)
Minha cabeça perder teu juízo (cálice)
Quero cheirar fumaça de óleo diesel (cálice)
Me embriagar até que alguém me esqueça (cálice)

Um Homem na Cidade

Ary dos Santos/José Luís Tinoco

Uma nova esperança pela liberdade, a justiça social e a dignidade humana. Uma nova Madrugada...

Agarro a madrugada
Como se fosse uma criança

Uma roseira entrelaçada
Uma videira de esperança
Tal qual o corpo da cidade
Que manhã cedo ensaia a dança
De quem, por força da vontade
De trabalhar nunca se cansa

Vou pela rua desta Lua
Que no meu Tejo acende o cio
Vou por Lisboa, maré nua
Que desagua no Rossio
Eu sou o homem da cidade
Que manhã cedo acorda e canta
E, por amar a liberdade
Com a cidade se levanta

Vou pela estrada deslumbrada
Da Lua cheia de Lisboa
Até que a Lua apaixonada
Cresce na vela da canoa
Sou a gaivota que derrota
Tudo o mau tempo no mar alto
Eu sou o homem que transporta
A maré povo em sobressalto

E quando agarro a madrugada
Colho a manhã como uma flor
À beira mágoa desfolhada
Um malmequer azul na cor
O malmequer da liberdade
Que bem me quer como ninguém
O malmequer desta cidade
Que me quer bem, que me quer bem

Nas minhas mãos a madrugada
Abriu a flor de Abril também
A flor sem medo perfumada
Com o aroma que o mar tem
Flor de Lisboa bem amada
Que mal me quis, que me quer bem

Trova do Vento que Passa

Manuel Alegre/Alain Oulman

Uma das mais emblemáticas canções da música portuguesa e um dos mais importantes símbolos da resistência durante o regime do Estado Novo em Portugal. Um poema de Manuel Alegre que acabou por ter duas versões: uma com música de António Portugal, interpretado por Adriano Correia de Oliveira; outra de Alain Oulman, interpretado por Amália Rodrigues.

Pergunto ao vento que passa
Notícias do meu País
O vento cala a desgraça
O vento nada me diz

*Pergunto aos rios que levam
Tanto sonho à flor das águas
Os rios não me sossegam
Levam sonhos deixam mágoas
Levam sonhos deixam mágoas
Levam sonhos deixam mágoas*

*Aí rios do meu País
Minha pátria à flor das águas
Para onde vais ninguém diz
Se o verde trevo desfolhas
Pede notícias e diz
Ao trevo de quatro folhas
Que morro por meu País
Que morro por meu País
Que morro por meu País.*

Condão

João Monge/Carlos Barreto

Mais uma vez com palavras de João Monge e agora com música do contrabaixista Carlos Barreto, este fado-canção reflete a solidariedade e o desejo de um mundo melhor.

*Aí se eu tivesse o condão
De te dar o paraíso
Pedia a Deus para não
inventar mais o perdão
Porque não era preciso*

*Aí se eu tivesse o condão
De sonhar como em criança
Virava pedras em pão,
punha um em cada mão
Deixava tudo de herança*

*Refrão
Não quero a mais nem a menos
Para mim nem para ninguém
Somos todos tão pequenos
Ao pé da Terra mãe*

*Só queria um largo maior
E um lar para cada um
Com papoilas ao redor,
uma paisagem melhor
E sem palácio nenhum*

*É tão fácil o meu sonho
Tão fácil de imaginar
São loucuras que componho,*

Refrão...

*Ai se eu tivesse o condão
De dar um pouco de mim
Uma semente no chão,
inventava uma oração
Sem princípio e sem fim*

*Mas sou um homem normal
Sem poder nem ambição
Tenho o dom de ser igual
a qualquer simples mortal
Ai se eu tivesse o condão*

Refrão...

*Mas sou um homem normal
Sem poder nem ambição
Tenho o dom de ser igual
a qualquer simples mortal
Ai se eu tivesse o condão*

Refrão...

*depois fico meio tristonho
Quando acabo de acordar*

Prenda Rara

João Monge/tradicional

Mais uma vez a luta pela solidariedade e pelos direitos humanos...

*Quem por desamor se afasta
Em nada a mim se compara
Já me basta, já me basta
Aquela prenda que é rara*

*Aquela prenda que é rara
E que vive da alegria
Não é barata nem cara
Dá-se e não tem demasia*

*Há só quem lhe chame amor
Já me basta, já me basta
Não há mais dor que na dor
Quem por desamor se afasta*

*Se falta um prato na mesa
E eu não via, e eu não via
Somos irmãos de certeza
Filhos dessa tirania.*

Os Vampiros

José Afonso

Para quê gastar tantas palavras a descrever uma das mais importantes canções da música portuguesa de um dos grandes compositores que aqui não podia deixar de ser citado: José Afonso...

*No céu cinzento sob o astro mudo
Batendo as asas pela noite calada
Vêm em bandos com pés de veludo
Chupar o sangue fresco da manada*

*Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

*Se alguém se engana com seu ar sisudo
E lhes franqueia as portas à chegada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

*Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

*A toda a parte chegam os vampiros
Poisam nos prédios poisam nas calçadas
Trazem no ventre despojos antigos
Mas nada os prende às vidas acabadas*

*Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

*No chão do medo tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos na noite abafada
Jazem nos fossos vítimas dum credo
E não se esgota o sangue da manada*

*Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

*São os mordomos do universo todo
Senhores à força mandadores sem lei
Enchem as tulhas bebem vinho novo
Dançam a ronda no pinhal do rei*

*Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada*

Lisboa Menina e Moça

Paulo de Carvalho/Joaquim Pessoa/José Carlos Ary dos Santos/Fernando Tordo/Carlos do Carmo

Paulo de Carvalho, Joaquim Pessoa, José Carlos Ary dos Santos, Fernando Tordo, Carlos do Carmo. Todos juntos numa das mais belas canções da História da Música Portuguesa. Todos eles homens de Abril... Lisboa Menina e Moça.

*No Castelo, ponho um cotovelo
Em Alfama, descanso o olhar
E assim desfaço o novelo
De azul e mar*

*À Ribeira encosto a cabeça
A almofada da cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa
Na cambraia de um beijo*

*Lisboa, menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos veem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura*

*Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira-mar estendida
Lisboa, menina e moça, amada
Cidade, mulher da minha vida*

*No Terreiro, eu passo por ti
Mas da Graça, eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri
És mulher da rua*

*E no bairro mais alto do sonho
Ponho o fado que soube inventar
Aguardente de vida e medronho
Que me faz cantar*

*Lisboa, menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos veem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura*

*Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira-mar estendida
Lisboa, menina e moça, amada
Cidade, mulher da minha vida*

*Lisboa no meu amor, deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa, menina e moça, amada
Cidade, mulher da minha vida*

Menor/Pechincha

João Monge/popular

(Menor)

*Tenho um coração deserto
Onde não mora ninguém
O fado mora lá perto
E é ele quem me quer bem*

*Do vão da minha Janela
Eu vejo a lua a passar
O peito chama por ela
Mas ela não quer entrar*

*Na rua não há viva alma
Só o fado me quer bem
Dá-me um cantinho da alma
E fica triste também*

(Pechincha)

*Do vão da minha Janela
Eu vejo a lua a passar
O peito chama por ela
Mas ela não quer entrar*

*Na rua não há viva alma
Só o fado me quer bem
Dá-me um cantinho da alma
E fica triste também*

*Pus um escrito no destino
Ninguém o quer habitar
Só o fado é inquilino
E paga a renda a chorar*

*Tenho um coração deserto
Onde não mora ninguém
O fado mora lá perto
E é ele quem me quer bem*

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO